

Mimeografo Generation

Fanzine Alternativo Mensal de Poesia - N.º 1 - Segunda Série - 07/2006 - São Paulo- SP



Na Sessão Revisão: José da Cunha Cardoso - poeta barroco da Academia Brasília dos Esquecidos

Na Sessão Marginalia: Tributo a Hilda Hilst!

Na Sessão Pim-Ball: Touchê, Glauco Mattoso, Leila Míccolis, **Ivan Miziera**

Na Sessão Revisão: José da Cunha Cardoso - poeta barroco da Academia Brasília dos Esquecidos

Na Sessão Let Me Traduceslation: Canned Heat - *On The Road Again!*

Na Sessão Paideuma: Oswald de Andrade, Mallarmé, Waly Salomão e Mário Faustino

EXPEDIENTE: Produzido e Editado pelo poeta Jayro Luna. -
Endereço: Av. Sapopemba, 4392 - V. Diva - São Paulo - CEP: 03374-000

Sessão Revisão: José Da Cunha Cardoso

José da Cunha Cardoso foi secretário da Academia Brasílica dos Esquecidos entre 1724 e 1730. Como secretário foi admirado e respeitado pelos demais poetas: "Cunha Cardoso metrificava com desenvoltura e erudição, sendo homem de cultura humanística e firme elegância barroca. É das figuras mais notáveis dos Códices dos Esquecidos, a ostentar, por vezes, pensamento exaltador da ciência contra a opressão." (Péricles Eugênio da Silva Ramos, em: *Poesia Barroca*, Melhoramentos, 1969, p. 92).

Soneto

Uma estátua de Apolo ferida e desfeita por um raio

Da ciência na imagem mais divina,
Do sacro Apolo simulacro augusto,
Emprega as iras com furor injusto
Raio fatal, que Júpiter fulmina.

Acautelado Jove a crer se inclina,
Que saber só lhe pode causar susto;
Pois com razão, e fundamento justo
Sobre os astros o sábio só domina.

Pela origem, que traz do eterno lume,
Com o poder do Deus, que os orbes move,
Só a ciência competir presume.

Por isso sobre a estátua o fogo chove,
Em vingança do susto, e do ciúme
De ir tirar a ciência o cetro a Jove.

Soneto

A modéstia de Alexandre Magno quando se lhe houveram de apresentar a mulher, mãe e filhas de Dario vencido.

Esse, a cujo poder o orbe rotundo
É por estreito esfera incompetente,
Hoje a glória alcançou mais excelente,
Hoje o troféu primeiro, e sem segundo.

Esse, em cujo valor não se acha fundo,

Em Dario triunfou de um rei potente;
Mas em si, reportado e continente
Triunfou de quem vence a todo o mundo.

Estas são as conquistas verdadeiras,
Brasões maiores, glórias mais altivas,
Que têm do seu exército as bandeiras.

Publique-se em pregões de eternos vivas
Só é capaz de ter tais prisioneiras
Quem sabe as paixões próprias ter cativas.

Soneto

Ao Sr. Presidente da Academia Brasílica dos Esquecidos, Sebastião da Rocha Pita

Rocha eminente, cuja prosa e metro
Sobre as asas da fama aos astros voa,
Porque a harmonia, que o teu plectro entoas,
Mais mostra ser do Céu, que do Libetro,

É tanta a majestade do teu plectro,
Que reverente o Sol desce em pessoa
A prostrar aos teus pés cetro, e coroa,
Por honrar a coroa, e mais o cetro.

Quando em prosas discretas tanto avultas,
E tanto excedes do Caístro as aves,
Vejo que a Homero, e Cícero sepultas.

Mais ignoro quais sejam mais suaves,
Se em valente eloquência as prosas cultas,
Se em furor elegante os versos graves.

Sessão Marginalia: Tributo a Hilda Hilst!(1930-2004)



Nasceu em Jaú, São Paulo, aos 21 de Abril de 1930. Em 1948, entrou para a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Largo São Francisco), formando-se em 1952. Em 1966, mudou-se para a *Casa do Sol*, uma chácara próxima a Campinas (SP), onde ainda reside. Ali dedica todo seu tempo à criação literária. Poeta, dramaturga e ficcionista, Hilda Hilst escreve há quase cinquenta anos, tendo sido agraciada com os mais importantes prêmios literários do país. Participa, desde 1982, do Programa do Artista Residente, da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

E bebendo, Vida, recusamos o sólido
O nodoso, a friez-armadilha
De algum rosto sóbrio, certa voz
Que se amplia, certo olhar que condena
O nosso olhar gasoso: então, bebendo?
E respondemos lassas lérias letícias
O lusco das lagartixas, o lustrino
Das quilhas, barcas, gaivotas, drenos
E afasta-se de nós o sólido de fechado cenho.
Rejubilam-se nossas coronárias.
Rejubilo-me
Na noite navegada, e rio, rio, e remendo
Meu casaco rosso tecido de açucena.
Se dedutiva e líquida, a Vida é plena.

De: Alcoólicas--IV

A CANTORA GRITANTE

Cantava tão bem
Subiam-lhe oitavas
Tantas tão claras
Na garganta alva
Que toda vizinhança
Passou a invejá-la.
(As mulheres, eu digo,
porque os maridos
às pampas excitados
de lhe ouvir os trinados,
a cada noite

em suas gordas consortes
enfiavam os bagos).
Curvadas, claudicantes
De xerecas inchadas
Maldizendo a sorte
Resolveram calar
A cantora gritante.
Certa noite... de muita escuridão
De lua negra e chuvas
Amarraram o jumento Fodão a
um toco negro.
E pelos gorgomilos
Arrastaram também
A Garganta Alva
Pros baixios do bicho.
Petrificado
O jumento Fodão
Eternizou o nabo
Na garganta-tesão... aquela
Que cantava tão bem
Oitavas tão claras
Na garganta alva.

Moral da estória:
Se o teu canto é bonito,
Cuida que não seja um grito.
(*Bufólicas - 1992*)

Sessão Let Me Traduceslation: Canned Heat: On the Road Again!



O **Canned Heat** tocou em Woodstock, no festival de Monterrey, e em vários outros shows históricos do rock. Sua formação mais comum contava com Bob Hite, Alan Wilson (esses nos vocais e guitarras), Fito de la Parra (percussão), Henry Sunflower (guitarra), Larry Taylor (baixo). Dr. John, Frank Coke, Antonio de la Barreda e John Mayall também figuraram na banda.

ON THE ROAD AGAIN
(Floyd Jones/Alan Wilson)
Well I'm so tired of cryin' but
I'm out on the road again
I'm on the road again. (Bís)
I ain't got no woman just
to call my special friend.
And I'm going to leave the city,
got to go away. (bís)
All this fussing and fighting, man
I sure can't stay.
You know the first time
I travelled out in the rain and snow
in the rain and snow. (bís)
I didn't have no fellow,
not even no place to go.
And my dear mother left me
when I was quite young
when I was quite young. (bís)
She said "Lord have mercy on my
wicked son."
--- Break ---
Take a hint from me mama
please don't you cry no more
don't you cry no more. (Bís)
Cause it's soon one morning
down the road I'm gone.
But I ain't going down that long
and lonesome road - all by myself. (Bís)
I can't carry you baby,
gonna carry somebody else.

NA ESTRADA OUTRA VEZ
(transdução: Jayro Luna)
Taí, já cansei de chorar
e por isso vou botar o pé na estrada,
na estrada outra vez. Bis)
Não quero mais um caso
só pra me chamar de meu bem.
Vou deixar a cidade, vou por aí. (Bis)
Sei que vai ter barulho e confusão,
mas mano, eu sei que não posso ficar
aqui.
Se lembra da outra vez que me mandei:
passei frio, passei fome,
passei fome, passei frio. (Bis)
E dessa vez não tem ninguém
pra ir comigo pela curva do rio...
Minha mãe me deixou
quando eu era ainda menino
quando eu era só um menino. (Bis)
Ela pediu a Deus: "Senhor, tenha pena
desse rebento traquino"
___Break___
Se quer um conselho, mama,
não chores mais,
não chores mais! (Bis)
Pois seu filho está na estrada outra vez...
Se eu quero ir pela longa e solitária
estrada?
É o meu caminho... (Bis)
Não posso te levar, baby,
Não posso levar ninguém, baby.

Sessão Pim-Ball! A Ópera-Rock da Poesia Marginal!

(Touchê tartarugando pelos campos medievais do Bixiga):

Manuel do Tempo n.º 2

aos dias de frio

assobiar um treco-treco

entredentes

morder as cáries

e cuspir cada letra perdida

na gaveta do coração¹

(Entrementes Glauco Mattoso no Pátio do Stefan Zweig vocifera preâmbulos):

Defectivo

Eu mordo

Tu mastigas

Ele engole

Nós digerimos

Vós cagais

Eles policiam²

(No Rio, ou à beira do, Leila Míccolis confraterniza sincreticamente as relações matrimoniais):

Missão C(o)mprida

Você conseguiu tudo na vida:

uma barriga bem alimentada,

uma amante infiel

uma esposa comportada

carro do ano

filhos rebeldes ao seu julgo tirano

casa própria, emprego com crachá

um sítio em Visconde de Mauá

um ufanista amor pelo país

tudo como manda o figurino

(de Paris).

E morrerá, cumprindo a sua parte,

de tensão ou de enfarte,

de repente,

sem nem ao menos de longe

perceber

que podia ter sido diferente.³

(In Sampa, Ivan Miziara passeia entre lajotões e multidões):

Separação

Tantas fiz e nunca me arrependi.

Tem uma hora que as palavras

Calam no fundo d'alma.

Mas é rápido, logo passa.

Como um túnel escuro

A memória é baça.⁴

¹ TOUCHÊ, *Pílulas de Vida do Dr. Touchê*, p. 46, São Paulo, edições Sanguinovo, 1980.

² MATTOSO, Glauco. *Línguas na Papa*, p. 11. São Paulo, Pindaíba, 1982.

³ Fonte: Leila Míccolis, *Jornal de Poesia* (<http://www.revista.agulha.nom.br/lmiccolis.html>)

⁴ MIZIARA, Ivan. *Inventário de Luz*, p. 44, São Paulo, BMGV, 1999.

Sessão Paideuma - Paideuma - Paideuma - Paideuma ...

Pronominais

Oswald de Andrade

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Metalúrgica

Oswald de Andrade

1300° à sombra dos telheiros retos
12000 cavalos invisíveis pensando
40 000 toneladas de níquel amarelo
Para sair do nível das águas esponjosas
E uma estrada de ferro nascendo do solo
Os fornos entroncados
Dão o gusa e a escória
A refinação planta barras
E lá embaixo os operários
Forjam as primeiras lascas de aço

Carpe Diem

Mário Faustino

Que faço deste dia, que me adora?
Pegá-lo pela cauda, antes da hora
Vermelha de furtar-se ao meu festim?
Ou colocá-lo em música, em palavra,
Ou gravá-lo na pedra, que o sol lavra?
Força é guardá-lo em mim, que um dia assim
Tremenda noite deixa se ela ao leito
Da noite precedente o leva, feito
Escravo dessa fêmea a quem fugira
Por mim, por minha voz e minha lira.

(Mas já de sombras vejo que se cobre
Tão surdo ao sonho de ficar — tão nobre.
Já nele a luz da lua — a morte — mora,
De traição foi feito: vai-se embora.)

Nova Cozinha Poética

Waly Salomão

Pegue uma fatia de Theodor Adorno
Adicione uma posta de Paul Celan
Limpe antes os laivos de forno crematório
Até torná-la magra-enigmática
Cozinhe em banho-maria
Fogo bem baixo
E depois leve ao Departamento de Letras
Para o douto Professor dourar.

POP-CORN-POP-CORN-POP-CORN-POP-CORN-POP-CORN

& O Mimeógrafo Generation está de volta em segunda série, depois de sei lá quantos anos....dez, talvez....

Paulo Leminski, Uílcon Pereira e aos novos e nem tão novos que andam por aí: Antônio Miranda, Ivan Miziara, Mônica Montone...

& Agora com o recurso do PC - Personal Computer - há vinte anos atrás - era partido comunista e podia até dar cana....!

& Temos nossa página na Internet: Orfeu Spam! Que também tem formato de periódico, mas de periodicidade mais ou menos trimestral, às vezes semestral...
www.jayrus.art.br

& Assim o visual fica menos udigrudi, mas mantém a tônica da poesia com destaque para a poesia marginal.

& MG: Mimeógrafo Generation! Que volta com a irreverência e a intenção sempre explícita de poetizar, constantemente....

& Abraços aos antigos amigos e ainda na luta poética: Joaquim Branco, Moacy Cirne, Hugo Pontes, Almandrade, Falves Silva, Leila Míccolis... aos que não estão mais, mas que continuam em presença espiritual e intelectual: Philadelpho Menezes, Touchê (Antonio Carlos Lucena),

& Luiz Fernanto Ruffato, agora escritor de sucesso! Abraços via orkut!

& Knorr! Poesia... também com página no orkut!

MIMEÓGRAFO GENERATION é uma publicação mensal de distribuição por mala direta (enviar pedidos para: Av. Sapopemba, 4392 - São Paulo - SP - cep: 03374-000 - ou pelo e-mail do site Orfeu Spam: www.jayrus.art.br - orfeu_spam@jayrus.art.br). Preço do exemplar: R\$ 2,00. - Assinatura Semestral: R\$ 10,00 - Anual: R\$ 20,00. - Não estão incluídas despesas postais que devem ser acrescentadas à parte.